

O ESTILO DE VIDA NA ARTE DO BONSAI: RUPTURAS DO COTIDIANO

CRISTIANE CARDOSO GUIDOTTI¹; WILLIAM HÉCTOR GÓMEZ SOTO²

¹Universidade Federal de Pelotas – criscguidotti@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – william.hector@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho, concentrado na área da sociologia, tem o propósito de apresentar os primeiros resultados de uma pesquisa exploratória, ocorrida no corrente ano, que buscou conhecer melhor o campo (BOURDIEU, 1998) da arte do bonsai e seus agentes e compreender como as práticas desse campo estão relacionadas com o modo de vida moderno no cotidiano dos sujeitos integrantes do Grupo Bonsai Zona Sul – um grupo de artistas bonsaístas provenientes dos municípios da região sul do Rio Grande do Sul, na contemporaneidade.

A arte do *bonsai*¹ é uma técnica originária da China e aperfeiçoada pelos Japoneses, identificada e documentada a partir do século VIII, embora não se tenha uma data precisa quanto a sua origem. Desenvolveu-se na China e no Japão ao longo de vários séculos (BAZZALI, 1993) e é reconhecida nas sociedades ocidentais desde o século XVII (HUGHES, 2018), quando foi introduzida primeiramente ao continente europeu. Já no Brasil, a arte é apresentada por imigrantes japoneses que aqui chegaram no início do século XX (NORONHA, 2005).

Durante o século VIII, no Japão, houve uma forte influência da cultura chinesa a partir da expansão do Budismo (NORONHA, 2005) e, com isso, o cultivo de bonsais também se difundiu naquele país. Conforme HUGUES (2018), “bonsais são árvores comuns que passam por um processo de miniaturização por meio de técnicas especializadas”. São exemplares únicos trabalhados minuciosamente por um artista de conhecimentos e aprimoramentos especializados chamado *bonsaísta*. Entretanto, Noronha enfatiza que, inicialmente, pequenas árvores na natureza eram coletadas, transplantadas e mantidas em potes. Essas plantas, embora tivessem um grande valor estimado, não consistiam ainda em um produto artístico. Apenas no século XVI os trabalhos de manejo na forma e no processo de miniaturização de espécies arbóreas começaram, de fato. Ele aponta que o período da Renascença no Japão teria sido fundamental para caracterizar e disseminar esse trabalho como arte.

Do oriente, a arte avançou para o ocidente ainda numa sociedade pré-capitalista, em um período de formação da civilização do capitalismo, marcada pelo pensamento e comportamento racionais que fundamentaram uma civilização racionalista (SCHUMPETER, 2017). Tal evolução societal no ocidente propiciou a transformação no modo de pensar em conjunto com os avanços e aprimoramentos técnicos e científicos que configuraram o trabalho com bonsai como arte, desvinculando, em parte, o cultivo de sua significação religiosa. No entanto, nesse mesmo período formara-se, segundo esse autor, um *espírito do individualismo racionalista* criado pelo capitalismo em desenvolvimento – traço que aqui compreende-se como um elemento do modo de vida moderno.

¹ “O bonsai combina a beleza de uma escultura feita pelo homem com a harmonia e a perfeição da natureza em uma forma de arte” (Hugues, 2018).

Nas sociedades contemporâneas, em especial, numa sociedade de modernidade frágil e anômala como a nossa brasileira (MARTINS, 2008), a arte do bonsai tende a representar um *estilo de vida*: um estilo que contrapõe o modo de vida moderno e que abriga aspectos da cultura oriental entrelaçados no cotidiano (PAIS, 1993) dos sujeitos bonsaístas. Os sujeitos que se identificam e se manifestam nessa arte, em que o tempo é desacelerado pelo processo de trabalho lento do cultivo, da modelagem, até os primeiros sinais de concepção de um produto dinâmico, vivo e em constante formação – o bonsai – têm seu cotidiano transformado de alguma maneira e, ao menos, em parte. SIMMEL (2005) disse, no início do século XX, que “os problemas mais profundos da vida moderna brotam da pretensão do indivíduo de preservar a autonomia e a peculiaridade de sua existência frente às superioridades da sociedade”, ou seja, frente às estruturas e superestruturas (MARX; ENGELS, 2011) já existentes numa sociedade em dado tempo e espaço.

É neste contraponto, com este olhar, fazendo uma relação entre o ritmo acelerado do trabalho e do cotidiano urbano com a desaceleração e ocupação do tempo ocioso pelas práticas na arte do bonsai, que se situa a presente pesquisa. Importa olhar para as construções e influências socioculturais ocorridas nesse espaço de tempo livre e nessas vivências marcadas, hipoteticamente, por traços de um processo de hibridação cultural (CANCLINI, 2008). Espaço em que o sujeito tem a possibilidade de se afirmar, de escolher como é gasto seu tempo, de negar o que lhe é imposto apenas para sua mera existência.

Portanto, a pesquisa visa explicar as transformações e implicações que a modernidade e o modo de vida moderno acarretam, e vice-versa, no estilo de vida pautado pela arte do bonsai – de preceitos filosóficos orientais – e como esses estilos (o moderno e o tradicional) se entrelaçam ou se repelem no cotidiano dos sujeitos bonsaístas do Grupo Bonsai Zona Sul – RS, na contemporaneidade brasileira.

Dessa forma, importa olhar para a contemporaneidade visando compreender como esse estilo de vida, o conjunto de valores tradicionalmente empregado nas artes e artesarias chinesas e japonesas presentes no campo da arte do bonsai, influencia e, inversamente, é influenciado pelo modo de vida moderno, relacionando-os com os aspectos e implicações que a modernidade apresenta e afeta o cotidiano dos bonsaístas. A questão que se coloca é se esses valores, se esse estilo de vida preconizado na arte, perpassa diferentes culturas e gerações e se mantém vivo em sua forma ideal original ou se ele é ressignificado pelos efeitos da modernidade, pelo entrecruzamento de diferentes culturas.

2. METODOLOGIA

A pesquisa qualitativa² teve início em meados de 2023, por meio de observações participantes, reflexões e leituras acerca da temática escolhida para a construção do pré-projeto de pesquisa apresentado no início de 2024 ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas. A partir de então, tem-se ponderado ajustes e constantes aprimoramentos teóricos-metodológicos, à medida que a investigação avança, de forma a considerar e reconsiderar a seleção das abordagens sociológicas que melhor explicam o

² Para Maria Lúcia Martinelli, um dos pressupostos da pesquisa qualitativa é que “essas pesquisas partem do reconhecimento da importância de se conhecer a experiência social do sujeito.” (2012, p. 24).

fenômeno artístico aprofundado e sua relação com o cotidiano. Trata-se de um processo dialético ascendente (MARRE, 1991) na construção do objeto científico.

Neste primeiro momento é realizada uma cuidadosa leitura e análise sociológica de obras de história da arte do bonsai, pleiteando interpretar e compreender o conceito de “estilo de vida” preconizado nas literaturas do campo e sua relação com os modos de vida tradicional e moderno. Em setembro deste ano, realizou-se uma pesquisa exploratória de observação indireta (QUIVY, 2013), através da aplicação de um questionário semiestruturado aos participantes do Grupo Bonsai Zona Sul. Os questionamentos objetivaram conhecer melhor o *estilo de vida* na arte do bonsai entre os sujeitos bonsaístas desse grupo, na atualidade. Concomitantemente, foi feita uma entrevista exploratória direta com o fundador desse grupo, visando explorar a origem e os motivos da formação, a trajetória e a composição do grupo.

Na sequência, a ideia é realizar entrevistas diretas com os integrantes do grupo, semiestruturadas por um roteiro. Ao longo do processo de pesquisa, a depender da realização de encontros presenciais e de exposições de trabalhos do grupo, a intenção é de aproveitar esses momentos para a observação participante em campo empírico.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados dessa primeira abordagem em campo ainda estão sendo avaliados. No entanto tem-se alguns apontamentos. O Grupo Bonsai Zona Sul, em seu formato virtual foi criado no ano de 2020 na cidade de Pelotas, RS, e conta hoje com cerca de 50 integrantes ou simpatizantes seguidores. Todavia, nem todos são ativos e participativos, resumindo o conjunto físico em torno de 15 sujeitos atuantes e frequentes nos encontros presenciais, feiras e exposições de trabalhos com bonsais. É composto por bonsaístas residentes dos seguintes municípios da região sul do Rio Grande do Sul: Pelotas, Rio Grande, Santa Vitória do Palmar e São Lourenço do Sul. Além desses, existe um único integrante do município de Esteio – região metropolitana do Estado.

Os resultados obtidos nesta primeira fase exploratória da pesquisa apontam certa congruência com as hipóteses lançadas: a primeira é que o estilo de vida na arte do bonsai se configura como um resquício, um resíduo de um modo de vida tradicional que escapa ao moderno, ou seja: um processo que resiste ao novo. Ainda é possível explicar o espaço e o tempo da prática do bonsai como uma rota de ruptura e descontinuidade do cotidiano acelerado pelo modo de vida moderno do sujeito bonsaísta, um caminho que, em dados momentos, se bifurca e permite que o sujeito seja livre no seu fazer e pensar. Esse último fato é evidenciado pelas afirmações dos bonsaístas preferirem seu trabalho artístico com bonsai à sua ocupação principal de trabalho atual e considerarem, quase na totalidade dos entrevistados, a arte como um hobby, uma atividade de lazer.

4. CONCLUSÕES

O presente estudo traz novos apontamentos sociológicos na medida em que se explica o fenômeno artístico da arte do bonsai e suas vivências como uma ruptura do cotidiano, pois suas práticas rompem e são o contraponto do modo de vida moderno dos sujeitos bonsaístas que possuem variadas ocupações de trabalho, carga-horária e ritmos de vida.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAZZALI, C. **Introducción al arte del bonsai.** Madrid: Mundi-Prensa, 1993.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** 2 ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 1998.
- CANCLINI, N.G. **Culturas Híbridas:** Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2008.
- HUGUES, M.K. **O pequeno livro do bonsai:** como dominar a arte do cultivo de árvores em miniatura. Tradução de Márcia Leme. Barueri: Quarto Editora, 2018.
- MARRE, J.A.L. A construção do objeto científico na investigação empírica. **SEMINÁRIO DE PESQUISA DO OESTE DO PARANÁ.** Cascavel, 1991. Fundação Universidade Estadual do Oeste do Paraná.
- MARTINS, J.S. **A sociabilidade do homem simples.** São Paulo: Contexto, 2008.
- MARTINELLI, M.L. (Org.). **Pesquisa Qualitativa:** um instigante desafio. 2 ed. São Paulo: Veras Editora, 2012.
- MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia Alemã.** São Paulo: Martin Claret, 2011.
- NORONHA, F.A. **Cultivando bonsai no Brasil.** São Paulo: Escrituras, 2005.
- PAIS, J.M. Nas rotas do quotidiano. **Revista Crítica de Ciências Sociais.** Lisboa. n.37, p.105-115, 1993.
- QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L.V. **Manual de Investigação em Ciências Sociais.** Lisboa: Gradiva, 2013.
- SCHUMPETER, J.A. **Capitalismo, socialismo e democracia.** São Paulo: Ed. UNESP, 2017.
- SIMMEL, G. **As grandes cidades e a vida do espírito** (1903). *Maná*, 11(2), 577–591, 2005. Acessado em 09 out. 2024. Online. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132005000200010>